com os homens do PAIGC

O Comandante Laisseque do PAIGC, responsável pela segurança de toda a Frente Sul, apresentando os jornalistas na assembleia popular

O comércio e a economia de troca

Em cada um dos vastos sectores das áreas libertadas existem armazéns de géneros e produtos, chamados "armazéns do povo", onde a população se abastece de produtos de primeira necessidade. As transacções são efectuadas com base numa economia de troca, servindo de padrão a cotação do quilo de arroz. Em Cambom há um desses armazéns do povo, que serve as tabancas da zona, incluindo a de Cassacá. Aí são "comprados" os géneros em troca de produtos da terra e resultantes do trabalho do povo da tabanca. Os artigos à disposição dos clientes são principalmente arroz, tabaco, farinha, tecidos, calçado, pilhas secas para lanternas, e transistores, etc. Os artigos não produzidos localmente são importados através da Guiné-Conakry, onde existe, em Bokê, um grande armazém do povo, do género entreposto comercial. A esse entreposto regressam os artigos de consumo mediato, enquanto que os de curta duração ou de maior procura são lançados no circuito de consumo local.

Este tipo de comércio não durará senão até ao estabelecimento de uma moeda própria da Guiné-Bissau, provavelmente o peso guinéu, e a sua existência justifica-se apenas como mais uma medida de luta do PAIGC: impedindo a circulação da moeda portuguesa, as populações das áreas libertadas lutavam também economicamente contra o colonialismo, enfraquecendo a circulação fiduciária.

Provavelmente será criado o Banco Nacional da Guiné e, quanto à possível nacionalização do Banco Nacional Ultramarino, ouvimos afirmar que tal possibilidade não deve interessar. Para quê nacionalizar um Banco vazio, que não dispõe de ouro nem qualquer tipo de valores? Contudo, a sua passagem de Banco emissor a comercial poderá ser encarada, mantendo até os funcionários que desejarem ficar para trabalhar em novos moldes.

Os produtos resultantes do trabalho da terra servem para adquirir outros que a comunidade não produz. Por exemplo, se um habitante precisa de comprar uma camisa e dispõe de arroz, ou galinhas, ou frutas, utiliza uma parte desses artigos para trocar pela camisa, no armazém do povo. A cotação do quilo do arroz é fixa e serve para manter a uniformidade de "preços". Nas outras zonas onde o cereal não é tão abundante, servirá de padrão, quando necessário, outro produto da terra.

Então e com base neste esquema económico simples, a população resolve directamente a satisfação das suas necessidades: da colheita sai a alimentação diária da comunidade, a contribuição para o hospital, escola e segurança, e ainda a "moeda" para adquirir o que é necessário à vida da comunidade e não pode ser produzido por ela.

A "bolanha" é, assim, a fonte primeira da produção nas áreas libertadas e servirá de tijolo elementar para a construção de toda uma economia que, a médio prazo, surgirá em resultado da industrialização. Não conseguimos confirmar a informação de que terão sido oferecidos pela República Democrática Alemã cerca de mil tractores agrícolas, mas sabemos que muitos outros países ofereceram já auxílio neste sector.

A sementeira do arroz faz-se uma vez por ano, na época das chuvas, altura em que a bolanha é impraticável para máquinas e tractores. Mas a preparação da terra, arroteamento e todas as operações pré-semente podem ser feitas antes das chuvas, nada impedindo então, a mecanização em grande escala.

Os responsáveis pelos sectores agrários pensam até conseguir uma segunda colheita de arroz por ano e aumentar também o rendimento de outros produtos, pois a terra é muito fértil e a água abundante.

A produção de legumes e produtos hortícolas poderá ser planificada em função das características de cada terreno, para que (também aqui) é indispensável a elaboração da carta de solos.

O Hospital

Saindo de Cassacá, é necessário percorrer o trajecto sinuoso que, pelos rios e bolanhas, leva através da selva até Cambom. Um barco metálico e com motor, utilizado pelos Fuzileiros e conhecido por "sintex", transportou os jornalistas durante hora e meia de percurso para uma visita ao hospital regional.

O aldeamento dispõe de várias construções adaptadas a enfermarias, um consultório, o posto de urgências e todo o conjunto se encontrava camuflado pela densa folhagem que o ocultava especialmente da observação aérea.

Mesmo assim, foi bombardeado algumas vezes, tendo morrido 2 enfermeiros e vários doentes. Para protecção destes últimos, principalmente, existia uma funda vala cavada na terra e de pequena largura, para onde os doentes eram transportados na eminência de perigo, às vezes mesmo já sob o fogo dos aviões.

A direcção do hospital está entregue a dois médicos, que são auxiliados por uma dezena de enfermeiros e enfermeiras, pessoal formado em países amigos, nomeadamente em Cuba. Aliás, eram cubanos quase todos os médicos que durante os anos de luta trabalhavam com o PAIGC, prestando assistência em campanha. Permaneciam durante alguns meses, de cada vez, em equipas compostas por um cirurgião e um auxiliar, praticando intervenções cirúrgicas de emergência e cuidando da sanidade geral. Tivemos oportunidade de assistir a um filme projectado pelo PAIGC em Bissau recentemente, onde o trabalho dos médicos cubanos que auxiliavam os nacionalistas das zonas libertadas é focado em pormenor.

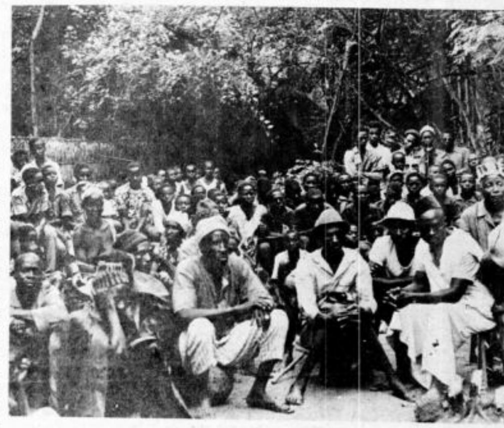
No hospital de Cambom os serviços de saúde estão em pleno funcionamento. Não existiam lá presentemente muitos enfermos, nem doenças muito graves. Esses casos são enviados para o hospital de Bokê, já do outro lado da fronteira, que dispõe de melhores meios materiais e humanos para fazer face aos casos importantes.

Mesmo assim, o hospital de Cambom encontra-se razoavelmente apetrechado em equipamento e pessoal, dispondo de medicamentos enviados por países estrangeiros, pela Cruz Vermelha Internacional, pela UNICEF e pela Organização Mundial de Saúde. Funciona como núcleo centralizador dos serviços de saúde do PAIGC, atendendo aos casos de doença que não podem ser resolvidos nos postos sanitários existentes em todas as tabancas e providos de pouco equipamento, mas onde os enfermeiros examinam a gravidade das doenças ou ferimentos antes de resolverem o problema ali mesmo ou optarem por uma evacuação para o hospital central.

O núcleo hospitalar de Cambom é igual a muitos outros existentes nas áreas libertadas e que funcionaram como primeiras células do sistema de saúde. Este sistema será ampliado e aperfeiçoado à medida que for saindo das escolas o pessoal necessário e presentemente é mantido com os efectivos existentes, nomeadamente médicos estrangeiros ou naturais que no estrangeiro se formaram. As necessidades alimentares do hospital são providas pelas tabancas do sector, que contribuem com os seus produtos, numa aplicação simples dos princípios comunitários que regem as populações: se os doentes não podem trabalhar para angariar meios de subsistência, os indivíduos saudáveis entregam naturalmente o necessário.

Entretanto, julgamos caber aqui um pequeno apontamento que ressaltou do nosso contacto com as populações das zonas libertadas. Não nos pareceu, pelo que observámos, que o estado geral de saúde fosse menos bom, soubémos até que os índices de mortalidade, quer infantil quer senil, têm diminuído consideravelmente. As populações em geral apresentam pouca propensão às doenças (de que a malária é o principal representante) julgamos que em resultado das sãs condições em que vivem. Bem alimentados e extremamente cuidadosos sob o ponto de vista higiénico, reparámos que os aldeãos mantêm impecavelmente limpas as suas casas e as ruas das tabancas. Até mesmo os cães que observámos se apresentavam sem as vulgares pulgas e carraças, os habituais parasitas que já ninguém estranha mas que não encontrámos nos cachorros que nos vieram festejar.

Não significa tal observação que toda a gente tenha a alimentação ideal, sob o ponto de vista dietético. Nós próprios comemos várias espécies de alimentos, desde o simples arroz cozido e temperado com óleo de palma (numa tijela colocada ao centro da roda que formavam os militares do PAIGC, uma só colher a dar a volta por todas as bocas), até ao bem confeccionado bacalhau com grão, à mesma mesa onde se sentavam algumas figuras importantes do Partido.



A população de Cassacá, uma tabanca histórica, escuta atentamente as palavras do seu comissário político, que apresentava os primeiros jornalistas portugueses que visitaram a zona

Mas o facto é que nos surpreendeu um pouco encontrar uma população com aspecto saudável, incluindo crianças (onde também não encontrámos os enormes ventres característicos da desnutrição) e principalmente porque nada achámos de comum entre aquela gente e a imagem deformada, fornecida pela propaganda colonialista, que mostrava as populações guerrilheiras como bandos de gentio esfarrapado e faminto, hordas de primitivos pouco acima dos bichos da selva.

E a afabilidade que encontrámos por toda a parte que percorremos e fotografámos livremente, também não nos deixa qualquer dúvida sobre a sanidade física e mental dos habitantes das aldeias.

Um pouco à margem, acrescentaremos que o aspecto dos aldeões era um pouco mais soturno na tabanca de Cassebeche, no tarrafe de um dos braços do rio Cacine. Tarrafe é o nome dado à margem lodosa e ao tecto de vegetação que a cobre, impenetrável até aos raios solares. A aldeia foi construída pela população que habitava uma tabanca longínqua e de onde teve de fugir, acossada pela guerra. Neste local inacessível por terra e pelo ar, os nativos construíram habitações do tipo palafita, sobre estacas mergulhadas na água e no lodo. Para evitar os bombardeamentos, a construção das casas era feita de noite, a partir das cinco da tarde, quando os aviões que sobrevoavam constantemente o território voltavam às bases.

Estas pessoas viviam praticamente na escuridão da noite e na densa penumbra, de dia. Cultivavam o arroz e pescavam o peixe e os crustáceos de que se alimentavam complementarmente. Estão agora a aguardar que termine a época chuvosa para regressarem às suas terras e à luz do dia. Do seu drama falam as expressões do rosto, os olhos e até os nomes das crianças ali nascidas, um dos quais significa "tabanca destruída".

De volta a Bissau

Foi-nos muito difícil conseguir, por falta de transporte, atingir a região de Cacine, a entrada sul do território libertado. Mas difícil foi, ainda mais, o regresso a Bissau. Sob uma chuva torrencial e constante, que até mesmo de noite nos impedia de dormir, por nos cair na cama e rufar nas chapas de zinco dos tectos, fizemos o trajecto de volta de Cassacá a Cacine sobre o mesmo "Unimog" descoberto que nos levara. Uma capa de borracha emprestada pelos homens do PAIGC era toda a nossa bagagem e protecção, o fato e os sapatos semi-desfeitos, os lamaçais e os mosquitos os complementos.

Em Cacine juntámo-nos a vários elementos de uma delegação do PAIGC a Bissau. Com eles convivemos durante quase dois dias, à espera de transporte para a capital, que na circunstância seria avião ou nada. As mensagens por rádio que enviávamos regularmente ou não chegavam ou não eram atendidas. Confraternizámos, pois, e sem custo nem constrangimento nenhum, quatro jornalistas e uma vintena de membros do Partido. Se já tínhamos uma excelente impressão de toda a gente que encontrámos nas regiões do interior, a mesma foi ainda reforçada pelas conversas com que entretínhamos o tempo de inactividade forçada. Um clima de simpatia rodeou sempre os homens da Informação, que continuavam a escutar (e a sentir) a afirmação de que o PAIGC nunca lutou contra o povo português, antes o sentiu irmanado na desgraça a que o regime de opressão fazia jus.

Finalmente, surgiu o avião. Fretado pelas autoridades portuguesas para transportar a delegação do PAIGC (frisaram-nos bem) tinha ainda lugar para dois jornalistas. Os outros dois ficaram em Cacine, a aguardar nova oportunidade de transporte, que cada vez se vai tornando mais difícil, à medida que aviões e helicópteros militares vão sendo retirados da Guiné, e que o permanente capuz de nuvens tempestuosas dificulta sempre mais as deslocações dos poucos aviões civis a que se pode recorrer.

Vivemos, pois, nas áreas libertadas da Guiné com o povo do PAIGC. Comemos da sua comida, bebemos a água que bebem, dormimos nas suas casas, compartilhámos cigarros e roupas. De tudo o que vimos, ficou a certeza de que o povo da Guiné quer e vai trabalhar a sério pelo futuro do seu país, depois de uma luta constante de 11 anos pelo direito de estar na sua terra, à sua maneira e em paz.

Gostámos das populações, dos ex-guerrilheiros, dos comissários políticos. Gostámos sobretudo das ideias e da objectivação que para elas já está em curso. Gostámos de ouvir esta frase a um dos homens do PAIGC: **"Volte à Guiné sempre que queira, veja o que somos e como vivemos. Mas se puder, venha daqui a 5 anos. Garanto-lhe que não reconhecerá esta terra."**

Quem são os quadros executivos do PAIGC

O FUTURO elenco governativo da República da Guiné-Bissau já está constituído, com base na estrutura política emanada do Partido. O poder executivo será exercido por três órgãos fundamentais, que são a Assembleia Nacional Popular, o Conselho de Estado e o Conselho do Comissariado de Estado, com lugares para que estão nomeados os seguintes elementos:

Assembleia Nacional Popular: presidente, João Bernardo Vieira (Nino); 1º vice-presidente, Paulo Correia; 2º vice-presidente, Carmen Pereira; 1.º secretário, Pascoal Alves; 2.º secretário, Juvêncio Gomes; adjuntos, Musma Sambu, Irémo Lopes, Quebá Sané e Sort Djaló.

Conselho de Estado: presidente, Luís Cabral; vice-presidente, Umaru Djaló; secretário, Lúcio Soares; outros membros: Pascoal Alves, Otto Schacht, Carmen Pereira, Constantino Pereira, Lourenço Gomes, Bácar Cassamá, Paulo Correia, Mai Turé, Chico Vaz, Lamine Sissé, Wagna Tchudá, Na Noi.

Comissariado de Estado: comissário principal, Francisco Mendes (Chico Té), Forças Armadas, João Bernardo Vieira (Nino); Economia e Finanças, dr. Vasco Cabral; Secretaria-geral, prof. José Araújo; Assuntos Exteriores, Victor Saúde Maria; Assuntos Interiores, Bari Adulai; Justiça e População, prof. Fidélis Almada.

Subcomissários: Desenvolvimento dos recursos naturais, eng.º Júlio Semedo; "contrôle" económico e financeiro, eng.º Mário Cabral; Agricultura e Pecuária, eng.º Lamine Mané; Estatística e planificação, dr. Luís Sanca; Comércio, Armando Soares; Educação e Cultura, Manuel Saturnino; Saúde, João da Costa; Juventude e Desportos, eng.º Nunes Correia.

O esquema político da Guiné-Bissau

Toda a orientação socio-política da Guiné assenta nas directrizes do Partido, a partir de 4 princípios considerados fundamentais: centralismo democrático, direcção colectiva, democracia revolucionária, e crítica e auto-crítica. A estrutura efectiva é formada por uma pirâmide política que tem na base o comité de tabanca (aldeia) e no topo a Assembleia Nacional Popular. Aliás, estes termos podem perfeitamente inverter-se, pois a integração e interligação de todas as células políticas é completa.

Os dirigentes de todo o esquema estão agrupados em 3 órgãos executivos, que são a Assembleia Nacional Popular, o Conselho de Estado, o Conselho do Comissariado do Estado. Existem ainda comissários políticos e presidentes de comité em cada tabanca das regiões libertadas. A vida aqui é essencialmente comunitária, com um armazém do povo que abastece de géneros uma série de povoações, sem utilizar a moeda.

Entre os muitos problemas que surgirão a breve trecho ao PAIGC conta-se a integração das tropas africanas que combateram ao lado do exército colonial. Foi-nos explicado claramente que o Partido não alimenta qualquer espécie de rancor contra eles, não exercerá represálias nem fará recriminações, pois compreende perfeitamente a posição em que esses homens se encontram. "Se não exercemos represálias sobre os brancos, muito menos o faríamos sobre a nossa própria gente", afirmam-nos. "Tencionamos dar-lhes até a possibilidade de partirem, como opção para o caso de não quererem ou não poderem integrar-se. Mas essa integração tem de ser imediata, porque o trabalho de reconstrução é urgente. Só pretendemos que esses homens trabalhem, quer estejam ou não filiados no Partido, e que não causem problemas a ninguém."

O estabelecimento e reforço de relações diplomáticas com todos os países progressistas, incluindo Portugal, está na linha de acção do PAIGC a nível internacional. Mas tal questão nem sequer se põe em relação à África do Sul, Rodésia, Malávi, Chile e outros onde prevaleçam as actuais circunstâncias, foi-nos dito.

A vida nas áreas libertadas

A tabanca de Cassacá pode ser considerada como aldeia tipo das zonas libertadas. Fica situada para além de Cacine, na região de Quitáfine, relativamente perto da fronteira sul. A população é de etnia balanta na sua maioria, se bem que também se ache representada a Nalú.

Na aldeia, orientada por um comissário político, toda a gente trabalha, excepto as crianças e os anciãos. As crianças em idade escolar frequentam uma escola, que pode funcionar como internato ou semi-internato e recebe alunos de várias povoações. As matérias ensinadas incluem o Português como língua geral e a explicação que ouvimos foi esta: "A estruturação de uma língua nacional não pode fazer-se de um momento para o outro. Há tremendas dificuldades de estudo e compilação de elementos, há todo um trabalho de pesquisa e ordenação a fazer antes que uma gramática possa ser elaborada. Portanto, adoptaremos o Português, pelo menos de imediato e reconheçamos mesmo as vantagens de tal procedimento: a língua foi a única herança boa que recebemos dos portugueses..."

Todos os livros escolares são escritos em Português e os professores que trabalham nas escolas são preparados com o auxílio de outros, que se deslocavam de outros estabelecimentos ou eram por sua vez preparados na Escola-Piloto existente há anos em Conakry, na República da Guiné.

Sobre o ensino tivemos oportunidade de conversar com um dos responsáveis de cúpula, o professor Domingos Brito, que já foi director da referida Escola-Piloto e é presentemente inspector superior. Embora afirmando sempre que todas as formas de actuação, presente e futura, dependem das decisões do Partido, o professor informou-nos de que a estrutura pedagógica já montada permite formar cidadãos aptos a participar na vida do país segundo as necessidades e de acordo com uma "pirâmide profissional" que tem no vértice os quadros superiores, formados em universidades estrangeiras ou em Portugal, seguindo-se-lhes em faixas progressivamente alargadas os assistentes técnicos de formação média, depois os operários especializados e por fim a grande maioria de operários. Este esquema aplica-se em cada profissão e é orientado especificamente para a livre escolha profissional. Cada estudante pode optar livremente por uma profissão, seleccionando-se entre os mais aptos aqueles que preencherão os quadros superiores.

"Para este ano, temos 230 bolsas oferecidas para universidades estrangeiras, mas não aproveitaremos todas. Suponho que só serão enviados uns cento e tal estudantes, por não termos necessidade de formar especialistas que, ou já temos, ou de que não precisaremos. Como sabe, temos milhares de estudantes a prepararem-se em numerosos países amigos que nos têm vindo a oferecer auxílio nesse e noutros domínios. Estão neste caso a União Soviética, Alemanha Democrática, Checoslováquia, Bulgária, Holanda, Cuba e muitos outros", diz-nos o professor. "As nossas crianças e adolescentes falam todas as línguas estrangeiras, pelo menos as mais vulgarizadas e muitas delas falam perfeitamente mais do que um idioma. Não precisamos de intérpretes para nos entendermos com os visitantes estrangeiros", acrescentou sorrindo.

Soubémos ainda que nesta altura, em que decorrem as férias escolares, há centros de juventude a funcionarem em várias localidades das áreas libertadas, acolhendo cerca de 1200 estudantes. Nesses centros de juventude, as crianças passam férias e ocupam uma parte do tempo em trabalhos e seminários políticos.

O índice de alfabetização tem subido enormemente nos últimos anos. No princípio da luta armada que o PAIGC iniciou em 1963, havia entre a população da Guiné 99,9 por cento de analfabetos e, de então para cá, o Partido tem feito progressos consideráveis nesse sector, especialmente tendo em conta as características da luta que sustentava.

Por outro lado, a formação de quadros superiores no estrangeiro ia ainda enriquecer as fileiras dos combatentes. Apercebemo-nos do facto quando tivemos conhecimento do caso de um engenheiro agrónomo, que atrás referimos, o qual combateu no mato durante 4 anos, já depois de formado. Perguntámos-lhe se os seus conhecimentos e a sua formação não teriam sido mais úteis num gabinete de estudo e planificação, durante esses 4 anos. Respondeu-nos que ao princípio, quando o PAIGC combatia com armas precárias, a situação seria essa. Mas depois, dispondo de armamento aperfeiçoado e nalguns casos altamente sofisticado sob o ponto de vista técnico, o Partido necessitou dos homens de formação superior para lidarem com tais armas e para instruírem outros camaradas no seu manejo.

"A nossa luta é essencialmente política", explicou outro membro, "e a luta armada é uma das suas formas, já que disparar um tiro é também e acima de tudo um acto político."

Durante a troca de impressões, ocorreu a oportunidade de perguntar qual seria a filosofia política que caracterizaria a nova República. A resposta, incisiva, foi a de que a República da Guiné-Bissau terá como único rótulo político a não exploração do homem pelo homem, seja ela do preto pelo branco, do branco pelo preto ou outra qualquer.

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇÃO